

previsão da Coisa Grande que deveria surgir. Intenção de procurar na causa dos oprimidos a finalidade para minha vida. Vontade de ser honesta e corajosa.

O que sucedeu com *O Homem do Povo*, não necessito contar. Você sabe, Geraldo. Voltei para minha vida antiga com as críticas dos que me tinham levado à aventura d'*O Homem do Povo*. Mas o trabalho comum estreitara novamente minhas relações com Oswald. Fechado *O Homem do Povo*, embarcamos juntos para Montevidéu.

Fomos um pouco a passeio, um pouco para fugir das complicações do processo que moviam pelos ferimentos que me atribuíam contra os estudantes que quiseram empastelar o jornal. No dia seguinte à nossa chegada, fomos procurados por um homem de aparência medíocre. Eu estava só e quase despedi o nosso visitante, que era Luís Carlos Prestes.

Conversamos por três dias e três noites, num cafezinho fechado e deserto. Consumimos, penso que, quilos de café. Não dormíamos, e consegui saber que o comunismo era coisa séria. E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim — o espírito de sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza de convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com a fé nova. A alegria da fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da

humanidade. Disse "acenou-me", apenas, porque a fita, em toda a sua extensão, só mais tarde tomou conta absoluta de minha pessoa.

Vejo Prestes, ainda, com uma mecha de cabelo sombreando ainda mais o rosto quase desaparecido na sombra do café. Como tinham vida, no entanto, aqueles olhos que pareciam enormes. Falava lentamente, com a calma e a serenidade dos que sabem que não adiantam catadupas de palavras. Ouvia com atenção imensa tudo o que eu falava. Respondia a todas as perguntas. Prestes devia falar assim com todo mundo. As maiores tolices que eu dissesse seriam ouvidas com paciência e contestadas com tanta minúcia, como se eu fosse a única pessoa no mundo que necessitasse ser recrutada para o partido e que Prestes tivesse isso como tarefa. Tive de Prestes uma impressão magnífica e foi essa impressão que, em grande parte, me jogou na luta política. A personalidade pitoresca, a celebridade romântica, o revolucionário épico, nada disso apareceu ou sequer lembrei. Vi, nessa ocasião, o comunista convicto das suas argumentações, com a força da certeza e, principalmente, coerente com a luta a que se entregara. Um comunista honestamente comunista, um comunista como eu desejaria ser.

Mas o tempo foi pouco para que eu me inteirasse suficientemente do processo revolucionário a seguir para a emancipação do proletariado. Isso eu quis saber da frente. E comecei a estudar seriamente.